Um Sonho Confuso

Roberto Carneiro

Haverá uma condição macaense no mundo? Será essa condição suficientemente aglutinadora de uma diáspora? Poderá essa diáspora subsistir sem território-mãe?

Nestas três perguntas ficam resumidos a história e o drama de uma comunidade. Comunidade feita de destino errático em que a partilha de referências – entre as quais a de uma mestiçagem comum de origem – se tem sobreposto à centrifugação imposta pelas forças da sobrevivência quotidiana. Não tenho respostas claras para essas questões. As perguntas, essas, parecem-me indiscutíveis num momento onde por Macau passam, porventura, mais interrogações do que certezas. As respostas... dá-las-á o *tempo*, verdadeiro senhor da história e dono de toda a fortuna.

Aquilo que direi, mais não são do que meras hipóteses de trabalho – nunca teses que não saberia fundamentar cientificamente. Caberá aos estudiosos confirmar ou infirmar as ideias aqui lançadas ao vento, relanceadas sobre 450 anos de caldeamento num minúsculo cadinho territorial e agora agitadas na esquina da história aprazada para finais de 1999.

Dou uma interpretação positiva à existência de uma condição macaense no mundo. Por três ordens de razões:

A primeira, prende-se com Macau como entreposto: comercial, diplomático e cultural. A sua posição ímpar no continente asiático for-

Celebrações do Ano Novo chinês.
Fotografia de Ricardo Fonseca.

jou uma personalidade própria, feita de uma cultura de mestiçagem. Dito de outro modo, a condição macaense resulta da emergência de uma consciência cultural autónoma que transcende a mera aglutinação do humanismo cosmopolita português com a milenar civilização chinesa. O *filho-de-macau* não é *ngao* nem *china*. Ele transporta esse estigma por todo o mundo, e por mais que o queira disfarçar pode dizer-se que é *mais fácil tirar um macaense de Macau do que tirar Macau do fundo de um macaense*.

Em segundo lugar, o facto de essa condição «tribal» se traduzir numa pletora de simbologia material, para além da espiritualidade imaterial que a sustenta. Refiro-me, naturalmente, às manifestações exuberantes da culinária específica dos macaenses (porco balichão, minchi, diabo, ade-cabidela, apa-bico, bebinca de leite, chao-chao pele, etc.), às formas de religiosidade típicas do sincretismo mestiço, e ao *doci papiaçám di macau* que configura um dialecto tão possuído de afecto, ingenuidade e sabedoria. A força destas expressões de especificidade faz com que entre os macaenses *tudo çã primoprima (mopri-mapri,* na deliciosa inversão silábica com que os filhos-de-macau criptam os seus dizeres mais ternurentos), independentemente da latitude ou longitude para onde a contingência da vida os tenha levado.

Finalmente, pelo carácter operativo que essa condição reúne no seio das correspondentes comunidades. Onde quer que se tenham estabelecido núcleos macaenses (Portugal, EUA, Brasil, Austrália, Canadá) surgem as Casas de Macau, UMA's e outras organizações associativas que perpetuam aquela intensa simbologia. Desde *o chá-gordo* às celebrações do ano novo chinês, todos os pretextos servem para invocar a festa de uma condição única no mundo.

Essa condição, que se transmite teimosamente de pais para filhos, será suficiente para gerar o sentimento de pertença a uma *pátria macaense?* É difícil responder, mas propendo a considerar que sim.

A diáspora assim perfilada não é tanto o produto de uma saudade sobrevivente, nem de uma espécie de *macausismo* latente, muito menos de uma inteligência activa construída sobre o conceito. Será talvez – e tão-só – a decisão individual, ou familiar, de continuar Macau nos quotidianos. Para mim, é tão simples como isso.

Tudo se passa como se nos interstícios do dia-a-dia se persistisse numa ideia de comunidade imaginária, uma fraternidade difusa que supre a diversidade de naturalidade, filiação ou residência. Por isso, a diáspora macaense, a existir, é mais uma pátria do que uma nação.

O povo judeu viveu uma história empolgante de milénios à procura da terra prometida de Canaan, até à formação recente do Estado de Israel. Os macaenses estão em vias de perder a referência territorial que constituía o ponto focal da sua geografia comum.

No entanto, para a maior parte das comunidades macaenses espalhadas pelos vários continentes, Macau é já hoje, essencialmente, uma memória que perdura nos símbolos, na liturgia, no drama, na afectividade, no jogo da vida diária. É a história de uma estranha identidade que não se alimenta no sonho da reunião de um povo sobre um mesmo solo partilhado, mas que, partindo de um território histórico, constrói vários *lugares de memória* para entretecer uma relação de pertença sem base territorial.

Assim, a condição macaense tem a dinâmica interior para continuar a peregrinar pelo planeta como um desígnio que se eleva para um limbo protegido da erosão contingencial do espaço e do tempo.

Já Antero evocou em soneto o sonho oriental dos portugueses.

Mas talvez mais oportuno será citar aqui a eloquente estupefacção de Torga quando, pela primeira vez, visitou Macau. Pode ler-se no seu *Diário XV*: «*Macau, 8 de Junho de 1987 – Cruzo a cidade em todas as direcções, visito fortes, igrejas e casinos, meto-me numa lancha e espreito o porto interior, desembarco nas ilhas, percorro-as e regresso estonteado ao hotel. Nunca tinha tido uma experiência assim de caminhar tantas horas em levitação. Tudo nesta terra é simultaneamente natural e mágico, concreto e abstracto, imóvel e fugidio. Ontem entrei num jardim particular. Plantas anãs envasadas, ao lado de outras de grande porte, pareciam encantadas pelo jardineiro e paradas no tempo. Transformadas numa espécie de gnomos vegetais, em vez de alegrar os olhos, causavam mal-estar, como todas as aberrações. Durante um banquete a que assisti, houve uma exibição de ranchos folclóricos. E lá vi a dança do dragão e o vira do Minho de mãos dadas no mesmo palco, a conciliação insólita da profundidade mítica com a superficialidade coreográfica. Nas bancas de jogo, transfiguradas, ricos e pobres dão-nos a impressão de que arriscam em cada lance a própria vida. Adivinhos em todos os cantos da cidade sabem mais de nós do que nós. Até o ar que aqui se respira tem qualquer coisa de perturbante, de opiado. Não estimula, enlanguesce. Miragem tangível, desafio à nossa razão, à nossa sensibilidade e ao nosso senso comum, Macau não é uma realidade que se apreenda com nitidez. É como que um sonho confuso de Portugal*».

Como tudo o que diz respeito a Macau, a sobrevivência da presença macaense para além de 1999 é um enigma bem guardado.

«Adivinhos em todos os cantos da cidade sabem mais de nós do que nós» (Miguel Torga, *Diário XV*). Fotografia de Eduardo Grilo.

Pessoalmente, creio que a história é a maximização das possibilidades. Tudo pode acontecer. A leitura oficial chinesa inventou a célebre fórmula: Um país, dois sistemas. Com os macaenses à solta, talvez possam acontecer três sistemas culturais, dos quais um sem ancoragem necessária a uma base física.

No meio de tanta confusão onírica somos impelidos a recuar três séculos e a reler no desafio da alma macaense uma manifestação singular do fantástico sonho de Vieira que proclamou a autonomia imperial da cultura e do espírito, sem apego a qualquer temporalidade de território.

Artigo originalmente publicado no
JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias, 12/02/1997.